Boletim de Conjuntura Econômica
Boletim n.83, Junho, 2022

Marina Silva da Cunha

Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenadora da equipe de mercado de trabalho do projeto de extensão "Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises".

mscunha@uem.br

Nomes dos integrantes do subgrupo

Jedson Luiz Matos da Silva
ra117478@gmail.com
João Lucas de Melo e Silva
ra117852@uem.br
Pedro Henrique Pereira da Silva
ra107278@uem.br

Acadêmicos do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e participantes da equipe de Mercado de Trabalho do projeto.

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Correspondência/contato
Av. Colombo, 5.790 – Bloco: C-34 – Sala 11
Jd. Universitário - Maringá - Paraná - Brasil
CEP 87020-900

MERCADO DE TRABALHO

Análises do segundo semestre de 2021

RESUMO

No segundo semestre de 2021 o mercado de trabalho brasileiro atinge um patamar similar ao final de 2019, o que ainda não representa uma situação confortável. A PIA ocupada atinge 55,6% ante a 56,5%, no quarto trimestre de 2022 e 2019, respectivamente. O desemprego no final de 2019 e 2022 se situa em 11,1%. Por sua vez, o rendimento habitual médio, atinge o menor patamar, na comparação de 2019, 2020 e 2021, em R$ 2.438,00.

Palavras-Chave: Emprego, Desemprego, Rendimentos.

ABSTRACT: In the second half of 2021, the Brazilian labor market reaches a level similar to the end of 2019, which still does not represent a comfortable situation. Occupied PIA reaches 55.6% compared to 56.5% in the fourth quarter of 2022 and 2019, respectively. Unemployment at the end of 2019 and 2022 stands at 11.1%. In turn, the average usual income reaches the lowest level, in the comparison of 2019, 2020 and 2021, at R$ 2,438.00.

Keywords: Employment, Unemployment, Earnings

1. INTRODUÇÃO

Nesta seção do Boletim de Conjuntura Econômica vamos analisar o mercado de trabalho brasileiro, notadamente no segundo semestre de 2021. Faz parte do mercado de trabalho a população em idade ativa (PIA), com 14 anos ou mais, que está na condição de ocupada ou desocupada. Os demais indivíduos constituem a população em idade ativa fora da força de trabalho, conforme pode ser observado no Gráfico 01.

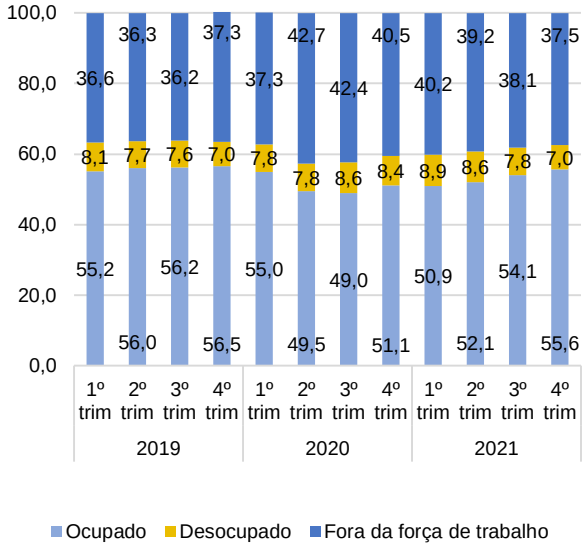

Gráfico 01 - População em Idade Ativa conforme sua situação quanto à força de trabalho, em percentual, primeiro trimestre de 2019 até quarto trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

No ano de 2020, a pandemia Covid-19 aumentou a proporção da população fora da força de trabalho, em virtude das medidas restritivas de distânciamento social, que impactaram especialmente o setor de comércio e serviços, que emprega a maior parcela dos trabalhadores. Porém, em 2021, essa parcela da população volta a reduzir, para cerca de 37,5% da PIA ou 64,5 milhões de indivíduos estavam fora da força de trabalho no último trimestre de 2021.

No quarto trimestre de 2019 eram 169,0 milhões de pessoas na PIA e, em 2020, neste mesmo trimestre, um total de 170,7 milhões. Desses totais 61,6 e 69,0 milhões, respectivamente, estavam fora do mercado de trabalho.

Por sua vez, no quarto trimestre de 2021 eram 177,3 milhões de indivíduos na PIA. Desse total, 107,7 milhões estavam na força de trabalho como ocupados (95,7 milhões) ou desocupados (12,0 milhões), que corresponde a 7,0% da PIA.

Destaca-se que em 2021 a população desocupada reduz em relação à 2020. Porém a desocupação terminou 2021 com o mesmo nivel que o quarto trimestre de 2019. Assim, ainda há um percentual alto da população a procura de trabalho. Em 2021, os níveis ficam acima dos 8% nos dois primeiros trimestres de desocupação e termina o ano com 7%, em relação à PIA.

2. POPULAÇÃO OCUPADA

No Gráfico 02 pode ser observada a taxa de variação da população ocupada ou empregada, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Pode-se notar um padrão na variação da população ocupada, em que 2020 houve queda por conta da pandemia, e um retorno gradual no mercado de trabalho em 2021.

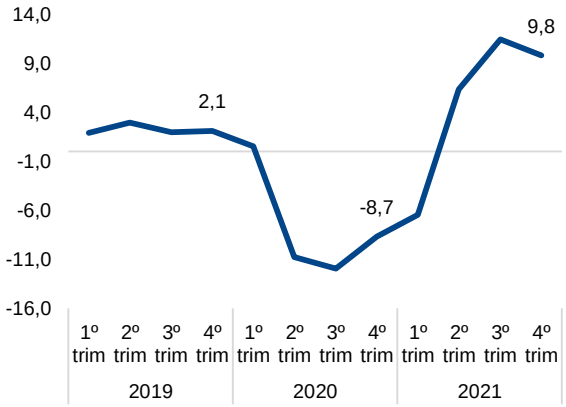

Gráfico 02 - Taxa de crescimento da população ocupada, relação ao mesmo trimestre do ano anterior, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o quarto trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

A taxa de crescimento da população ocupada teve queda considerável, conforme se nota no Gráfico 02 no ano de 2020. Assim, por conta de pandemia, muitos postos de trabalho foram fechados buscando conter a proliferação do vírus da Covid-19. No primeiro trimestre de 2021, após medidas restritivas e vacinação na metade do ano em

diante, a taxa de crescimento cresce consideravelmente, e no quarto trimente termina com 9,8% de crescimente em relação ao trimenstre anterior.

Assim, no quarto trimestre de 2021 eram 95,7 milhões de indivíduos ocupados no país, neste mesmo trimestre em 2019 e 2020 eram 95,5 e 87,2 milhões, respectivamente.

Esse comportamento do mercado de trabalho é um reflexo do crescimento econômico em 2021, que em relação à 2020, cresceu 4,6%, totalizando um PIB de R$ 8,7 trilhões, conforme IBGE.

No Gráfico 03 pode ser observada a composição da população ocupada segundo o sexo. No período analisado os homens têm maior parcela na população ocupada. Destaca-se que no segundo, terceiro e quarto trimestre de 2019, as mulheres atingem a maior proporção na população ocupada, de 43%. A partir dai a participação das mulheres variou negativamente. No terceiro trimestre de 2020 atinge o menor patamar, 41,1% em função da pandemia Covid-19, encerrando o ano de 2021 com 42,5% dos postos de trabalho.

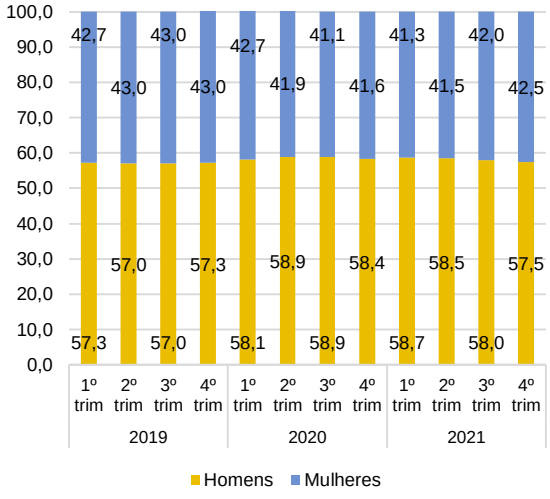

Gráfico 03 - Composição da população ocupada, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Considerando a faixa etária da população ocupada, no Gráfico 04, verifica-se que a parcela que mais perdeu participação relativa em 2020, em relação ao ano de 2019, foi a população mais jovens, de 18 até 24 anos, porém em 2021 recuperam parcela desta perda. Por outro lado, a população adulta, de 25 até 39 anos e de 40 até 59, que havia ampliado sua participação de 2019 para 2020, volta aos patamares similares ao ano de 2019, no ano de 2021..

Com relação à qualificação dos indivíduos empregados, que pode ser observada no Gráfico 05, é interessante notar que a população que mais perdeu espaço no mercado de trabalho nesse período de recessão, foi a população de nível 2 (fundamental incompleto). Essa parcela da força de trabalho acumulou queda mesmo após uma volta gradual da economia, ao contrário da população de nível 7 (superior completo), que cresceu 3,5 durante a pandemia, e em 2021 caiu 2,0%.

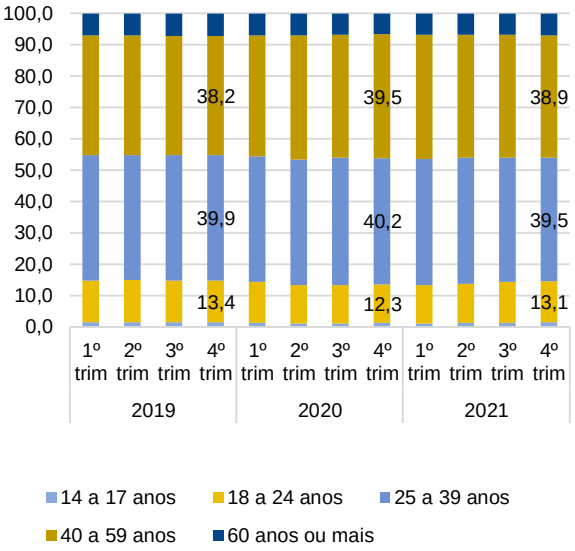

Gráfico 04 - Composição da população ocupada, segundo a faixa etária, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o quarto trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Portanto, os indivíduos com mais escolaridade ocupam parcela relativamente maior (22,0%) dos postos de trabalho na retomada da economia, , quando comparado o nível pré-pandemico (20,5%), em detrimento daqueles menos qualificados.

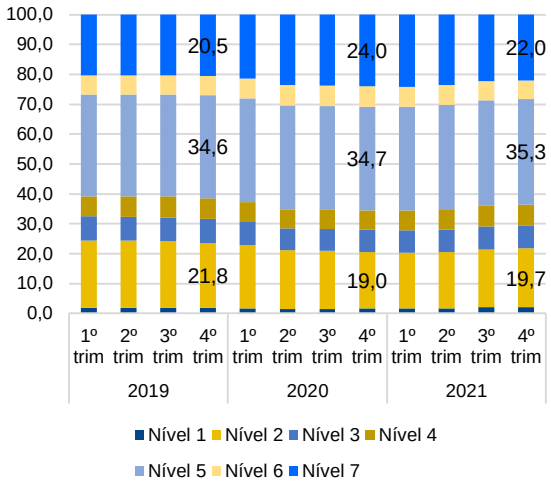

Gráfico 05 - Composição da população ocupada, segundo o nível educacional, Brasil, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

Vale destacar que em 2020, durante a pandemia os mais qualificados atingiram 24,0% dos postos de trabalho. Esses resultados indicam a importância dos investimentos em capital humano para a inserção no mercado de trabalho.

3. EMPREGO SETORIAL

Na parte que corresponde ao emprego setorial, foi analisado como cada setor da economia se comportou no quarto trimestre de 2019, 2020 e 2021, conforme o Gráfico 06.

Constata-se que houve uma redução na composição do emprego em quase todos os setores do quarto trimestre de 2019 para o ano de 2020, o que pode ser explicado pelo aumento de casos de COVID-19. Com a leve retomada das atividades nos dois primeiros semestres de 2021, ocorreu uma recuperação no arranjo de trabalho neste ano para quase todos os setores.

Destacam-se os setores do comércio e serviços, que tiveram um crescimento mais rápido no curto prazo. São setores que mais empregam e tiveram um significativo recuo devido à pandemia.

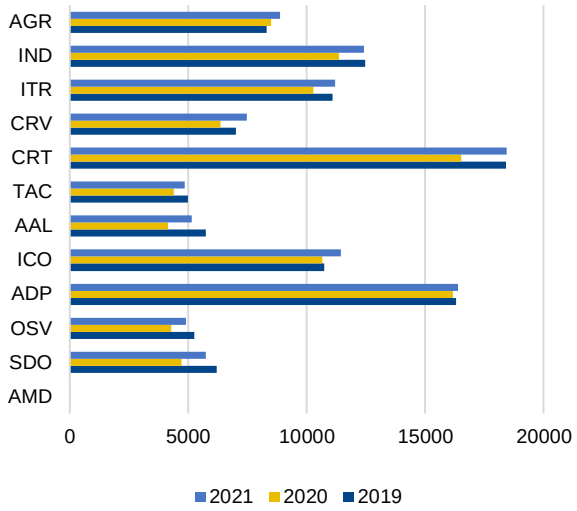

Gráfico 06 - Composição do emprego por setor de atividade, Brasil, quarto trimestre de 2019, 2020 e 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Nota: Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (AGR), Indústria geral (IND), Indústria de transformação (ITR), Construção (CRT), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (CRV), Transporte, armazenagem e correio (TAC), Alojamento e alimentação (AAL), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (ICO), Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (ADP), Outro serviço (OSV), Serviço doméstico (SDO) e Atividades mal definidas (AMD).

Devido à pandemia, as atividades relacionadas a trabalhadores mais qualificados no setor de Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (ICO) aumenta sua particiapação no emprego. Verifica-se um aumento considerável na comparação do quarto trimestre de 2019 e 2020 para o ano de 2021.

Além disso, no Gráfico 07, pode ser observado o rendimento médio em cada setor de atividade, em que são apresentados os valores para o quarto trimestre do ano de 2021. O rendimento se constitui em um elemento fundamental para o trabalho decente, pois permite ao trabalhador assegurar uma vida mais digna. Em 2021, atinge o valor de R$2.438,00 no país, o menor valor na comparação com os dois anos anteriores.

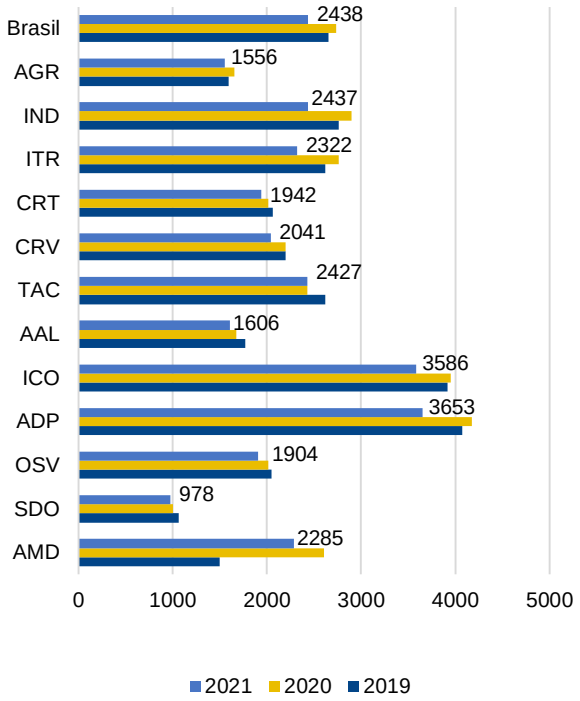

Gráfico 07 - Rendimento médio no mercado de trabalho, Brasil, quarto trimestre de 2019, 2020 e 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

Nota: Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (AGR), Indústria geral (IND), Indústria de transformação (ITR), Construção (CRT), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (CRV), Transporte, armazenagem e correio (TAC), Alojamento e alimentação (AAL), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (ICO), Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (ADP), Outro serviço (OSV), Serviço doméstico (SDO) e Atividades mal definidas (AMD).

Enquanto os Serviços domésticos (SDO) têm o menor rendimento, a Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (ADP) têm o maior rendimento médio, o que pode ser explicado, entre outros fatores, pelo nível de qualificação nestes setorores.

De maneira geral, podemos notar que o ano de 2020 há o menor nível de ocupação do emprego por setor, com exceção o setor de agricultura, na Figura 6. No ano seguinte, a maioria dos setores voltam para o nível que obtinham em 2019.

Por sua vez, na comparação de 2021 com 2020 e 2019, verifica-se em geral redução do rendimento médio do país. Entre os determinantes deste fato, destacam-se a redução da proteção social no país, maior flexibilização da legislação trabalhista e alto desemprego.

4. POPULAÇÃO DESOCUPADA

A taxa de desocupação no mercado de trabalho brasileiro no primeiro trimestre de 2019 até o quarto trimestre de 2021 pode ser observada no Gráfico 08. O desemprego é calculado como a razão entre a população procurando um emprego e a soma daquelas empregadas e procurando emprego, a chamada população economicamente ativa (PEA), que participam no mercado de trabalho.

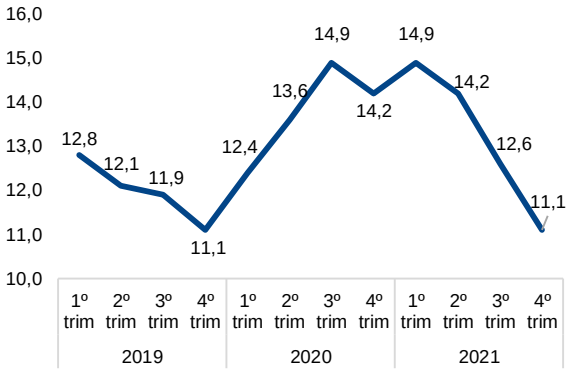

Gráfico 08 - Taxa de desocupação trimestral, do primeiro trimestre de 2019 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

O desemprego é tradicionalmente cíclico ao longo do ano, com pico no primeiro trimestre e menor no final do ano, à medida que a economia aquece com as comemorações de fim de ano. Contudo, temos uma elevação do nível de desemprego no terceiro trimestre de 2020, em que se observa uma taxa de 13,6%, no segundo trimestre, para 14,9% no terceiro trimestre, uma elevação de 1,3 pontos percentuais.

Por sua vez, em 2021 verifica-se queda significativa nas taxas de desocupados, nos terceiro e quarto trimestres, respectivamente 12,6% e 11,1%. Além do comportamento cíclico anual, o retorno das atividades econômicas com a maior liberação das restrições impostas pelo governo devido a pandemia causada pelo COVID-19 também explica esse comportamento.

Portanto, no quarto trimestre de 2021 a taxa de desemprego ainda ultrapassa os 12 milhões de indivíduos, em 11,1% da

população na força de trabalho. Apesar dessa magnitude, mostra recuperação ao se constitui em um patamar similar ao período pré-pandemia.

Contudo, a desocupação é apenas parte das preocupações com o mercado de trabalho, uma vez que ainda há mais de 7 milhões trabalhando com insuficiência de horas e outros 8,9 milhões na força de trabalho potencial, o que resulta em mais de 28 milhões de indivíduos com subutilização de mão-de-obra no país. Um número significativo ao ser comparado com uma ocupação com cerca de 95,7 milhões de indivíduos, no final de 2021.

No Gráfico 09, pode ser observado a composição da desocupação segundo o sexo. Nota-se aumento da proporção de mulheres na desocupação em 2021, em relação ao ano de 2020. Entre os fatos que contribuem para explicar este comportamento está o retorno presencial das escolas, o que permitiu que elas voltassem ao mercado de trabalho.

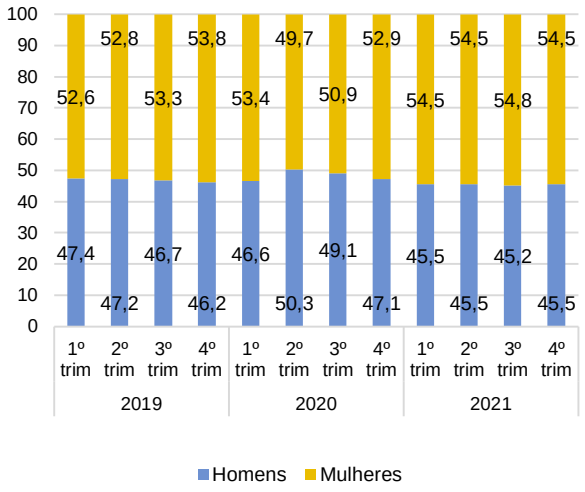

Gráfico 09 - Composição da desocupação, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2020 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

A composição da desocupação segundo a faixa etária pode ser observada no Gráfico 10. Destaca-se a faixa etária de 25 até 39 anos, que representa cerca de 35,2% no último trimestre do ano de 2021.

Comparando o final de 2021 com o último trimestre do ano de 2020 se nota uma leve queda na faixa etária destacada, de 37,8% para 35,2%. Na faixa etária de 18 até 24 anos temos um aumento na desocupação, que no último trimestre de 2020 estava em 30,5% e em 2021 representa 30,8% dos desocupados.

Os jovens têm mais dificuldade em ingressar no mercado de trabalho devido à falta de experiência. Adicionalmente, sua situação é agravada pela maior taxa de desemprego do país.

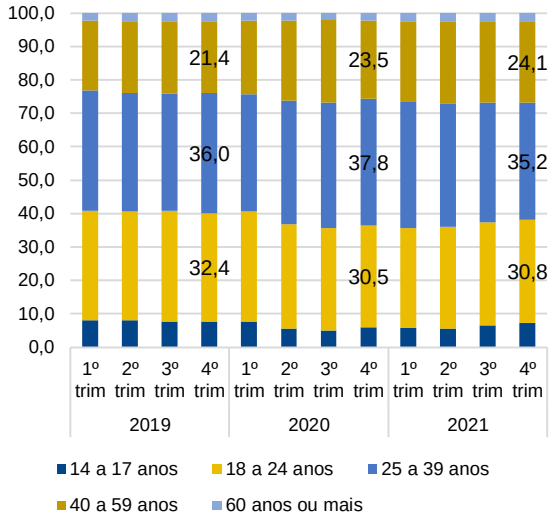

Gráfico 10 - Composição da desocupação, segundo a faixa etária, Brasil, do primeiro trimestre de 2020 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE

No Gráfico11 pode ser observada a composição da desocupação, segundo o nível educacional. O nível educacional com o maior número na desocupação é o nível 5, que é formado pelo grupo de pessoas com o nível de ensino médio completo. Esta parcela da população no quarto trimestre de 2021 correspondia a 40,4% dos desocupados, um nível igual ao último trimestre de 2020, mas superior ao período pré-pandemia, de 38,7% em 2019.

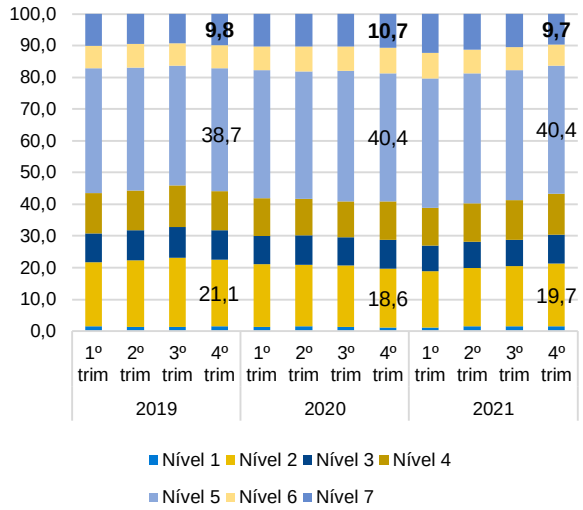

Gráfico 11 - Composição da desocupação, segundo o nível educacional, Brasil, primeiro trimestre de 2020 até segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

Os indivíduos com ensino fundamental incompleto, no nível 2, sofrem uma pequena elevação entre os desocupados. No último trimestre de 2020 representavam 19% do total de desocupados e, no mesmo período de 2021, 19,7%.

Por outro lado, a desocupação entre as pessoas com o nível superior completo tem queda entre os desocupados, na comparação entre o final de 2020 e o final de 2021. No quarto trimestre de 2021, o nível 7 de qualificação representava 11,2% dos desocupados, já no mesmo período do ano de 2021 apenas 9,7%.

Assim, a melhoria no mercado de trabalho tem beneficiado relativamente mais os indivíduos mais qualificados, os quais apresentaram redução expressiva na composição do desemprego no país, com as menores restrições do governo em relação ao Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2021, observam-se reflexos da retomada econômica no mercado de trabalho, especialmente no segundo semestre. No entanto, ainda temos uma taxa de desocupação elevada, considerando um ápice de 14,9% no primeiro trimestre de 2021 e o seu nível ao final do ano, com uma taxa de 11,1%, igual a observado no final de 2019.

Neste contexto, a taxa de desemprego alcança o patamar anterior à pandemia Covid-19, porém ainda acima de dois dígitos. Por sua vez, a população ocupada alcança 95,7 milhões no final de 2021, superando os 95,5 milhões do final de 2019.

Destaca-se o aumento relativo da ocupação no setor de serviços com maior intensidade tecnológica, que pode ser considerado um reflexo da pandemia, que acelerou as mudanças que já vinham ocorrendo no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <www.ibge.gov.br> . Acesso em: 10 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produto interno bruto**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 01 abr. 2022.